

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

MALAMOR / TAINTED LOVE: REALIZADORES CONVIDADOS: JOÃO PEDRO RODRIGUES E
JOÃO RUI GUERRA DA MATA

com a BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas

12 e 25 de setembro de 2025

UNE CHAMBRE EN VILLE / 1982

Um Quarto na Cidade

Um filme de Jacques Demy

Realização e Argumento: Jacques Demy / **Direcção de Fotografia:** Jean Penzer / **Direcção Artística:** Bernard Evein / **Guarda-Roupa:** Rosalie Varda / **Música:** composto e conduzida por Michel Colombier, com letras de Jacques Demy / **Montagem:** Sabine Mamou / **Som:** André Hervée / **Interpretação:** Richard Berry (François Guilbaud), Dominique Sanda (Edith Leroyer), Danielle Darrieux (Margot Langlois), Michel Piccoli (Edmond Leroyer), Fabienne Guyon (Violette Pelletier), Anna Gaylor (Mme. Pelletier), Jean-François Stévenin (Dambiel), Marie-France Roussel (Mme. Sforza), etc. / **Vozes:** Danielle Darrieux (Mme. Langlois), Fabienne Guyon (Viotette), Florence Davis (Edith), Lilliane Davis (Mme. Pelletier), Marie-Prance Roussel (Mme. Sforza), Jacques Revaux (François), Georges Blanes (Edmond), Aldo Franck (Dambiel), Jacques Demy (um operário), etc.

Produção: Progefi - TF1 Films Productions - UGC (Top 1) / **Produtora Delegada:** Christine Gouze-Renal / **Director de Produção:** Philippe Verro / **Cópia:** dcp, colorida, versão original cantada em francês, com legendas em português, 94 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, 27 de Outubro de 1982 / **Estreia em Portugal:** 9 de Janeiro de 2025

UNE CHAMBRE EN VILLE é apresentado com os filmes TURDUS MERULA LINNAEUS, 1758 de João Pedro Rodrigues e UM QUARTO NA CIDADE de João Pedro Rodrigues, João Rui Guerra da Mata (“folha” distribuída em separado).

Projecto longamente acarinhado por Jacques Demy, **Une Chambre en Ville** veria finalmente a luz do dia em 1982, deixando o seu realizador cheio de esperança numa definitiva retoma da sua carreira, que nos últimos dez anos, depois do fracasso de **L'Événement le Plus Important Depuis Que l'Homme a Marché Sur la Lune**, se limitara a um filme com capitais maioritariamente japoneses, **Lady Oscar**, a um filme para televisão, **La Naissance du Jour** e, sobretudo, a muitos projectos abortados. Infelizmente para Demy e para nós, **Une Chambre en Ville** seria um novo fracasso colossal (em termos de bilheteira, entenda-se) e a tal retoma nunca teria lugar. Depois dele, Demy apenas conseguiu realizar **Parking** em 1985 e **Trois Places Pour le 26**, em 1988, antes de morrer em 1990. Na época, o fracasso do filme desta sessão foi, aliás, motivo de grande controvérsia. Tendo recebido um apoio entusiástico por parte da crítica, **Chambre en Ville** seria esmagado em termos de público por um filme de Gérard Oury, **L'As des As**, com Jean-Paul Belmondo como vedeta, e que era sustentado por um forte aparato publicitário. Alguma crítica mais desconsolada com os resultados de bilheteira dos dois filmes viria a dedicar extensos artigos procurando denegrir o filme de Oury por oposição ao de Demy. O saldo, como é habitual nestes casos, foi negativo para o lado da crítica, já que o público continuou a preferir **Une Chambre en Ville** e a clivagem (por vezes imaginária) entre a crítica e o chamado “grande público” alcançou uma dimensão bem concreta. A polémica foi muita e entre as “fracções anti-Chambre en Ville” usavam-se argumentos como “On veut empêcher Belmondo de faire rire la France” ou “Pourquoi cette invraisemblable offensive de l'intelligentsia gauchiste des critiques de cinéma?” Sobre esta “cause célèbre” Michel Ciment publicou, na **Positif**, um lúcido artigo em que concluía, precisamente, que todo este barulho mais não fizera do que prejudicar Jacques Demy e o seu filme. Mas também, como costuma acontecer em casos semelhantes, o tempo encarrega-se de separar o trigo do joio, e hoje em dia, quem conhece, se lembra, ou tem vontade de ver o tal filme de Gérard Oury?

O insucesso do filme desta sessão toma-se difícil de compreender (e não vamos aqui por esse

caminho) quando atentamos que nele Demy voltou ao "em cantado" que fizera o sucesso de **Les Parapluies de Cherbourg**, cerca de vinte anos antes. Mais ainda, **Une Chambre en Ville** é um filme muito mais duro e trágico ("desencantado", dir-se-ia, se não parecesse um jogo de palavras) do que o seu precursor e, portanto, em princípio muito mais "up-to-date" em relação aos anos 80, à evolução do público e do próprio Demy. De facto, se as semelhanças com **Les Parapluies...** são evidentes, as diferenças adquirem um significado essencial de tal modo que muito de **Une Chambre en Ville** se joga em contraponto com o seu famoso antepassado. A começar pela música, onde a harmonia doce e ligeira (sem nada de negativo nesta adjectivação) das composições de Michel Legrand deram lugar às tonalidades muito mais trágicas e angustiantes da música de Michel Colombier. O modo como se processou a mudança de compositor (Demy pensara de início em voltar a colaborar com o seu amigo Legrand) revela já que alguma coisa mudara em Demy, visto que foi Legrand, ao ler o argumento e saber aquilo que o realizador pretendia, que recusou a colaboração dizendo a Demy que "ce n'est pas toi". As características da música de Colombier vieram perfeitamente de encontro às intenções de Demy, que, numa extensa (e vivamente recomendada) entrevista a Serge Daney, Serge Toubiana e Jean Narboni, publicada no nº341 dos *Cahiers*, dizia, falando da génesis do filme, que sempre pensara naquela história como uma ópera. E, sob a égide dos acordes dramáticos de Colombier, é de facto todo um recorte operático que Demy constrói, com as paixões excessivas das suas personagens ("Je voulais faire un film sur la passion qu'on met dans sa vie jusqu'à l'absurde", disse o realizador na citada entrevista) e os actos não menos excessivos que por elas praticam, os décors sombrios onde pontificam as cores berrantes e agressivas (sobretudo a casa de Mme. Langlois, centro emanador e aglutinador de toda a acção, e a incrível loja de Edmond, com todos os aparelhos de televisão acesos), e onde os manifestantes e as forças policiais que os contêm funcionam como coro. E que dizer do registo grandiloquente e quase "expressionista" de Michel Piccoli, no papel de Edmond, enclausurado na sua loja de televisores, sufocado por eles, suicidando-se de frente para a câmara? Ou do outro suicídio, o de Edith/Dominique Sanda, após a morte de Guilbaud/Richard Berry?

Se por tudo isto já dá para perceber que estamos em águas muito diferentes das que molhavam os **Parapluies**, a caracterização das personagens torna tudo ainda mais evidente. Em **Une Chambre en Ville**, mesmo a ternura é violenta, até chegar a um ponto em que ambas as noções se tornam inseparáveis: mais uma vez, repare-se na personagem de Michel Piccoli e na sua relação com a mulher, Edith. E veja-se também como começa a paixão entre Edith e Guilbaud, a forma crua como ela abre o casaco revelando que nada tem por baixo, e agindo como se fosse uma prostituta. Crueldade que também está presente na personagem de Berry, ao trocar Violette por Edith mesmo sabendo que a primeira estava grávida dele. A personagem de Violette é, aliás, a única personagem que poderia ter saído dos **Parapluies**, e por isso, parece estar sempre tão desenquadrada do mundo de **Chambre en Ville**: esse desenquadramento é dado pelo seu vestuário, pela sua relação com a mãe, e encontra expressão física na cena final, quando Guilbaud, no seu estertor final, não lhe dedica um olhar nem se refere a ela; naquele mundo, ela é mera espectadora, como acontece nessa cena. E, por falar em mundos, **Chambre en Ville** é também sobre a confrontação de dois deles: a burguesia em processo de decadentização, simbolizada por Mme. Langlois/Danielle Darrieux, com a sua preocupação pelas aparências, as suas saudades de um passado próspero, e a sua fragmentação após a morte do marido e do filho, e ao casamento da filha. Através do "acaso", tão caro a Demy, toda a teia de acontecimentos tem o seu centro em Mme. Langlois e na sua casa, como se a personagem continuasse a exercer um poder aglutinador que, de facto, havia perdido com o desmembramento da sua família. Acontece que o referido "acaso", se continua a ser o mecanismo que faz avançar a intriga de Demy, revela em **Une Chambre en Ville** uma dimensão trágica insuspeitada. Em vez de se limitar a cruzar personagens, a faze-los sair e entrar da narrativa, o "acaso" é aqui a força que leva todos, inexoravelmente, para o abismo.

Luís Miguel Oliveira